

# O PLANEJAMENTO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL<sup>1</sup>

Dirce Welchen\*  
Mônela Marostica Berto\*\*  
Pâmela Paes Neves\*\*\*

## Resumo

O papel fundamental da escola é oferecer condições ao aluno de adquirir competências para usar a Língua Portuguesa nas mais diversas situações comunicativas. Para facilitar esse trabalho, os professores precisam planejar as aulas com bastante dedicação. O objetivo geral do artigo é analisar o planejamento das aulas de Língua Portuguesa com foco na análise linguística e na produção de textos como alternativa de ensino e aprendizagem. Nesse intuito, foram entrevistados cinco professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, em duas escolas da rede estadual: uma localizada no município de Xanxerê, SC, e outra, em Xaxim, SC. Os resultados mostram que os professores entrevistados relacionam planejamento e atuação escolar, considerando-o de fundamental importância, já que todos afirmam planejar suas aulas. Além disso, a maioria não somente domina os gêneros do discurso, como também alega trabalhá-los, apesar de parte deles ainda utilizar o livro didático. A conclusão mostra que, para desenvolver as habilidades básicas, com ênfase na análise linguística e na produção de textos, é imprescindível um planejamento por parte dos docentes.

Palavras-chave: Processo de ensino e aprendizagem. Análise linguística. Produção textual. Planejamento escolar.

## 1 INTRODUÇÃO

Embora a palavra e o texto sejam unidades de ensino de todos os componentes curriculares, constituem objetos de estudo da disciplina de Língua Portuguesa, na qual todos os esforços estão centrados em oferecer ao aluno condições para o desenvolvimento da oralidade, da leitura, da escrita e da análise linguística; Apesar de, muitas vezes, ainda se voltar de modo exacerbado à prática das famosas regras gramaticais.

Assim, legitima-se a importância da ampla intervenção do professor, cuja responsabilidade é construir percursos e itinerários com o intuito de promover o aprendizado do aluno. É o docente quem prepara as condições de aprendizagem e problematiza a realidade com a finalidade de que os estudantes busquem soluções, o que leva ao desenvolvimento de diversas competências e habilidades, em que esse sucesso depende do planejamento das aulas por parte do professor.

\* Doutora em Letras; professora do Curso de Letras da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de Xanxerê; dirce.welchen@unoesc.edu.br

\*\* Graduada em Letras pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de Xanxerê; mnl\_mrstc@hotmail.com

\*\*\* Graduada em Letras pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de Xanxerê; pamelapaes@hotmail.com

O objetivo deste artigo é investigar o planejamento das aulas de Língua Portuguesa com foco na análise linguística e na produção de textos como alternativa de ensino e aprendizagem. Nesse intuito, no ano de 2011, foram entrevistados cinco professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, em duas escolas da rede estadual: uma localizada no município de Xanxerê, SC e outra em Xaxim, SC.

Para atender a este objetivo, na seção seguinte, discutiu-se o planejamento escolar e sua importância nas aulas de língua materna; o papel da escola no processo de ensino e aprendizagem; as condições de produção textual em sala de aula, abordando o trabalho com gêneros textuais e a sequência didática. Na sequência, apresentou-se a metodologia utilizada para a realização da pesquisa; seguida da apresentação e análise dos resultados, parte em que se discutiram os resultados da pesquisa realizada com os professores de Língua Portuguesa. Finalidade, consta a conclusão.

## **2 O PLANEJAMENTO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA**

O ato de planejar acompanha o ser humano a todo o momento. Pensamos sobre o que fazemos ou o que deixamos de fazer, sobre o que estamos fazendo e o que pretendemos fazer no futuro, enfim, estamos sempre tomando decisões. Mesmo não tendo consciência de que estamos realizando um planejamento, planejamos.

Segundo Vasconcellos (2000, p. 79), o conceito de planejar fica claro, pois: “[...] planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa.”

No caso do planejamento educacional, são várias as definições; cada autor procura descrevê-lo sob sua própria visão. Segundo Martinez e Oliveira (1997, p. 11):

Entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis a fim de alcançar objetivos concretos em prazos determinados e em etapas definidas a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.

Entendemos que, quando a escola desenvolve o planejamento, anual, mensal ou diário, pensa nas condições materiais e pessoais disponíveis para a realização de diversas atividades, organizando e ordenando os rumos que tomará. Segundo Libâneo (1994, p. 222), o planejamento é de grande importância por tratar-se de: “Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social.”

Assim, toda a comunidade escolar necessita se integrar, visando à obtenção de resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem do aluno, tornando o planejamento um aliado importante nessa integração, pois, com base nele, podem-se prever ações docentes voltadas à problemática da comunidade escolar e alcançar resultados positivos quanto à educação do corpo discente.

## 2.1 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O processo de ensino e aprendizagem, essencial ao ser humano, para Siqueira Neto (2010), é compreendido como realizável por meio da educação, que não é estática, porque acompanha a evolução, e, portanto, é dinâmica e adaptável a cada novo tempo que chega. Não obstante, são criados modelos de se educar que permanecem por determinado período nas famílias, escolas e organizações.

Alguns métodos utilizados no processo de ensino e aprendizagem, de acordo com Vasconcellos (1994, p. 61),

[...] facilitam e devem ser levados em conta: dinâmica de grupos para sensibilizar os alunos, discussão e construção do saber com maior participação, [...] elaboração criativa de apresentações sobre determinados conhecimentos, [...] recursos tecnológicos como projeções e aulas expositivas.

Isso porque, de acordo com Siqueira Neto (2010, p. 1), “[...] cada detalhe deve servir como uma fonte de informações que se processa por meio da reflexão, que é sempre compartilhada na relação ensino e aprendizagem, levando ao desenvolvimento comunitário.”

Dessa forma, existe maior estabilidade e segurança, sem perder de vista a flexibilidade, para não se tornar rígido demais ou dificultar as mudanças e as novas adaptações evolutivas.

### 2.1.1 A Língua Portuguesa e o processo de ensino e aprendizagem: o papel da escola

Ensinar a Língua Portuguesa na escola não é uma tarefa fácil, talvez isso possa ocorrer em razão do fato de a grande maioria dos alunos ter o português como língua materna. Consequentemente, conforme Geraldi (2006, p. 19), atualmente, “[...] os lingüistas se perguntam mesmo o que é ensinar português, se não é meramente ensinar o padre-nosso ao vigário [...] Como podemos ensinar a língua materna a pessoas que já a utilizam para se expressar e se comunicar na sua vida cotidiana?”

Não basta simplesmente tentar encaixar o conteúdo, é necessário analisar linguisticamente estes alunos, já que a Língua Portuguesa não pode se reduzir apenas a uma atividade de encaixamento em moldes que dispensem as ocorrências naturais e ignorem zonas de imprecisão ou de oscilação, inerentes à natureza viva da língua.

Araújo (2010) afirma que:

[...] o ato de ensinar é contextualizado em um espaço e tempo, mediado pelas conveniências do aluno e do professor e pressupõe, portanto, uma interação constante entre ambos e objetos de estudo. A figura do professor transmitirá a tal gramática com todo o seu fundamento refletindo na estrutura linguística, relevando a tradição da língua no que ela tem de verdadeiro universal e eterno. A escola não pode criar no aluno a falsa e estéril noção de que falar e ler ou escrever não tem nada a ver com a gramática.

Assim, é fundamental observar que o objetivo da escola, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998), é ensinar a gramática da língua materna mediante a exposição do aluno ao funcionamento da língua culta: falas, textos orais e escritos, gravações, etc. A Proposta Curricular (SANTA CATARINA, 1998, p. 62), por sua vez, prevê o tratamento funcional da gramática na sala de aula com o objetivo de “[...] tratar a língua na situação de produção, no contexto comunicativo, se expressar numa língua que não domina o modo de estruturação de frases.”

Parafraseando Antunes (2003), significa que não basta saber que *mas* é uma conjunção adversativa ou que *ele* é um pronome pessoal do caso reto; é preciso que as pessoas saibam que efeitos se conseguem com o uso dessas palavras.

Nesse aspecto, torna-se necessário, como afirma Neves (apud Azeredo, 2000, p. 55), “[...] desenvolver nos alunos o espírito crítico, [...] mas imprescindível para que possam discernir entre linguagem boa e má, falada ou escrita.”

Na sala de aula, a análise linguística e a sala de aula estariam fortemente aliadas no processo de ensino e aprendizagem do educando, contribuindo para seu conhecimento, visto que se toma o texto como unidade de ensino para o estudo da sintaxe, da semântica e da pragmática, com a finalidade de estruturar textos em determinados gêneros textuais/discursivos, cujo tema será abordado na sequência.

## 2.2 O TEXTO E A CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO TEXTUAL EM SALA DE AULA

Em algumas escolas, o trabalho com a leitura e a escrita ainda está baseado em concepções tradicionais de produção, em que o aluno produz dentro de padrões previamente estipulados, determinados pelo professor, simplesmente para ser avaliado.

Nesse contexto, é preciso que se abra “[...] espaço à criatividade, à curiosidade, à capacidade de observação dos alunos, cabendo ao professor organizar questionamentos e aprofundar conhecimentos.” (BENITES, 1998, p. 3).

Partindo do pressuposto de que um texto é uma unidade de significação, citamos Koch (2007, p. 22), que considera que o texto é “[...] uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes, de modo a permitir aos parceiros [...]” a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Desse modo, para que um texto seja texto, e não apenas uma junção de frases, faz-se necessário que tenha textualidade e coerência, que seja uma unidade significativa global (BRASIL, 1989).

Atualmente, a prática de produção de textos vem sendo um sacrifício para os alunos, em razão das dificuldades que sentem em expor suas ideias, do fazer apenas para obter nota, e, principalmente, pela falta de leituras. Também é um sacrifício para os professores trabalharem a produção textual em sala de aula por diversos fatores: dependência obrigatória com o livro didático e dificuldade em poder trabalhar diretamente com cada texto desenvolvido pelos educandos, em razão da quantidade de alunos por sala e da indisponibilidade de tempo para fazê-lo. Como afirma Geraldi (2006, p. 65), para o professor há “[...] a decepção em ver textos

mal redigidos, aos quais ele havia feito sugestões, corrigido, tratado com carinho. [...] mas o aluno não relê o texto com as anotações. Muitas vezes o atira ao cesto de lixo assim que o recebe.”

Além disso, existem as dificuldades que interferem nos processos de significação que os alunos tentam praticar em suas redações, aspectos estes discutidos por Pécora (2000), o qual faz menção aos problemas relacionados à constituição da oração, ao estabelecimento da coesão textual e ao processo de argumentação.

Com a finalidade de amenizar estas dificuldades, e nos educandos seja despertado interesse em produzir textos, são necessárias estratégias de ensino “[...] que favoreçam a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor maestria dos gêneros e das situações de comunicação que lhes correspondem.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 53).

A partir disso, o aluno deixaria de escrever textos apenas para cumprir uma exigência do professor ou do programa de ensino e seus textos passariam a ter “[...] como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes.” (BRASIL, 1997, p. 47). Para formar esse tipo de escritor, é necessário “[...] uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos.” (BRASIL, 1997, p. 49).

Mesmo porque o texto é composto por linguagem verbal, e é por meio desta que o sujeito representa a realidade, pois

A produção de discursos não acontece no vazio [...] os textos, como resultantes de atividade discursiva, estão em constante relação uns com os outros [...] Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos [...] (BRASIL, 1997, p. 23).

Apoiando-se em Bakhtin (2003) e Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), conceitua-se gênero como instrumento que estabelece a possibilidade de comunicação, o meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. Nessa perspectiva, enfatizando o que já foi mencionado, os gêneros escolares transformam-se apenas em forma de expressão de pensamento, da experiência ou da percepção.

Desse modo, utilizar a sequência didática, para o trabalho com gêneros textuais, é entendido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) como “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” A sequência didática deve ser efetivada em um ritmo adaptado às possibilidades de aprendizagem dos alunos, tendo como finalidade “[...] ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.” Ou seja, por meio da sequência didática, os alunos terão acesso a gêneros que pouco conhecem, podendo melhorar suas práticas de/com a linguagem.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base nos procedimentos técnicos adotados em relação às fontes de informação e procedimentos de coleta de dados, a pesquisa em questão é bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo foi realizada com cinco professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, da rede pública estadual, nos municípios de Xanxerê e Xaxim, SC. Quatro docentes têm graduação em Letras; uma, em Pedagogia. Esta última trabalha há 20 anos em sala de aula; as demais, entre 5 e 10 anos.

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e objetivas sobre o planejamento escolar e a sua importância.

Considerando os procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa descritiva, em razão do fato de descrever uma determinada população, especificamente, à visão de cinco professores de Língua Portuguesa acerca do planejamento escolar. Gil (2002) explica que esse tipo de pesquisa observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los.

Além disso, a pesquisa enquadra-se como quantitativa, pois seus resultados foram mensurados e expressos em números (STRIEDER, 2009), embora também tenha havido análise qualitativa dos questionários aplicados.

### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao se indagar os professores sobre o significado do planejamento, percebeu-se que todos eles, já em um primeiro momento, relacionaram o planejamento à atuação escolar. As respostas dos professores vão ao encontro do que prevê Libâneo (1994, p. 34), quando afirma que:

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

Com essas constatações, acredita-se que o planejamento acaba sendo um processo racional, organizacional e com intensa ação docente, fato que articula toda a atividade escolar em seu contexto social.

A segunda questão era sobre se os professores planejavam ou não suas aulas. Todos os pesquisados responderam afirmativamente. Veja-se a opinião de um deles:

“[...] é necessário fazer um diagnóstico da turma para saber a compreensão dos alunos, a respeito de um determinado conteúdo, para organizar [...] as aulas.” (informação verbal)<sup>2</sup>.

Assim, constatou-se que o planejamento, o diagnóstico da turma e a preparação do professor para as aulas são ferramentas indispensáveis para a construção e a projeção de uma aula produtiva e com qualidade.

Já ao serem indagados sobre quais medidas poderiam ser tomadas pelos professores de Língua Portuguesa para resoarem na melhoria de condições favoráveis ao ensino por meio da análise linguística e, também, da produção de texto, os entrevistados afirmaram que são muitas as medidas e estratégias que podem ser tomadas para garantir aulas de qualidade, com base na análise linguística e produção de texto. Segundo a maioria dos docentes, os itens imprescindíveis para garantir boas condições de ensino são, inicialmente, conhecer bem a “gramática” e buscar alternativas que facilitem o ensino, visando a incentivar os alunos à leitura, fato que, segundo Marcuschi (2002, p. 23), é conseguido por meio do trabalho com os gêneros quando

“[...] podemos considerar que na concepção interativa de linguagem o discurso, quando produzido, manifesta-se por meio de textos e todo texto se organiza dentro de determinado gênero discursivo, realizando com isso a prática da leitura numa aula extremamente norteada pela análise linguística.”

Assim, a análise linguística seria trabalhada em uma perspectiva interacionista, tornando-se essencial com a finalidade de que o trabalho com a língua aconteça de forma dinâmica e produtiva, viabilizando leitura, produção e análise textual, contribuindo para o desenvolvimento da competência comunicativa dos educandos.

Quanto aos obstáculos que impossibilitam condições de planejamento do processo de ensino e aprendizagem por meio da análise linguística e produção de texto, a impressão que se teve é de que grande parte dos professores possui algumas limitações, e esta recebem os mais diversos nomes, como: falta de tempo, indisciplina dos alunos e livro didático. Amaral (2003, p. 23) comenta que: “[...] a garotada voa pelos corredores, conversa em sala, briga no recreio, insiste em usar boné e em trazer para a sala materiais que não são os de estudo. [...] A paciência do professor está por um fio.” Esse é apenas um dos muitos dilemas atuais vividos pelo professor. Resta a ele buscar novas tendências com o objetivo de diversificar suas aulas, mantendo um ambiente amistoso e afetivo em sala de aula.

Em relação às dificuldades nas salas de aula em trabalhar com a “gramática” ou com a produção de textos, os professores, em sua maioria, não tiveram dúvida no que escrever, já que 60% dos entrevistados alegaram ser a produção de texto o elemento mais difícil de trabalhar.

Observando o que foi exposto, Chiappini (1998, p. 65) afirma que: “[...] o desinteresse dos alunos pela língua é um problema muito preocupante [...] o que se pode notar é que os alunos não estão motivados a estudar, pois não há (re)construção de conhecimentos.”

Por isso, precisamos, enquanto professores, inovar a prática de ensino para um questionamento (re)construtivo, desafiar o raciocínio dos alunos e do próprio professor para que ambos sempre estejam entusiasmados em busca de respostas.

Com base nas respostas para a questão cujo objetivo era observar a possibilidade de o professor focar na análise linguística e/ou na produção de textos e não deixar a aula “chata” ou “teórica” demais, percebeu-se que grande parte dos entrevistados acredita ser possível realizar aulas focadas na análise linguística e produção textual, sem, com isso, tornar a aula cansativa. Porém, o grande problema apontado por eles consiste na falta de mudanças na prática de ensino e aprendizagem e o constante desinteresse dos alunos pela língua, além da utilização do livro

didático, o qual foi criado para facilitar o planejamento, do professor, e, também, para padronizar os conteúdos a serem trabalhados. Esse panorama foi percebido com base nas respostas fornecidas ao questionário.

Voltando ao livro didático, algo sobre ele despertou atenção: a maior parte dos professores o utiliza e em suas aulas e as planeja conforme ele. Considerou-se o “apego” do docente ao livro negativo, uma vez que limita o andamento das aulas, planeja a aula para o professor, desconsiderando a realidade dos alunos.

Continuando a análise do questionário, chegou-se à oitava questão relativa à necessidade de se trabalhar o texto em sala de aula, a qual demonstrou resultados muito diversificados entre os professores. Apesar das opiniões diversas, a maior parte dos entrevistados mencionou a sequência didática como uma das atividades de produção textual mais utilizadas em sala de aula. Parafraseando Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004), pode-se afirmar que as sequências didáticas configuram um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Assim, o professor acaba por organizar os textos de acordo com os objetivos que deseja alcançar para a aprendizagem de seus alunos.

Acerca do conhecimento e uso dos gêneros textuais em sala de aula, observou-se que somente dois entrevistados alegaram ter um bom conhecimento sobre gêneros, inclusive frisaram trabalhar com eles em suas aulas. Um professor respondeu ter um conhecimento razoável de gênero, mas, mesmo assim, trabalha com ele em sala de aula, ao contrário de outro docente, que, por ter pouco conhecimento do assunto, disse não se sentir seguro para realizar tal trabalho em sala de aula. Finalmente, um único professor admitiu ter dificuldades de compreensão do conteúdo, motivo pelo qual ainda não trabalha com os gêneros do discurso em suas aulas. Entre as atividades utilizadas no desenvolvimento de suas aulas acerca dos gêneros textuais, a maioria dos professores, ou seja, três utilizam vários materiais diversificados, como bulas, cartas, bilhetes, receitas, crônicas, fábulas, contos e histórias em quadrinhos; enquanto um professor utiliza os gêneros textuais por meio de produções simplificadas. O professor que anteriormente respondera não trabalhar com gêneros textuais não pôde exemplificar nenhuma atividade.

Dessa forma, compreendeu-se que a maior parcela dos professores pesquisados percebe os gêneros textuais com primazia e tem interesse em desenvolver aulas com essas formatações textuais. Cabe aos professores adequarem suas aulas, trazendo materiais complementares, e, sobretudo, planejarem suas aulas, com a finalidade de saciarem a vontade de saber de seus alunos.

## 5 CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa, observou-se que os professores estão, sim, preocupados em planejar suas aulas, focando a análise linguística e a produção de textos como uma possível alternativa de ensino e aprendizagem. Além disso, a grande maioria domina os gêneros do discurso e trabalha com eles em sala de aula. Constatação menos positiva foi observar ainda o apego ao livro didático, o qual planeja pelo professor.

É essencial que os docentes, juntamente com a equipe diretiva, criem condições para que o processo de ensino e aprendizagem, nas aulas de Língua Portuguesa, ocorra de modo eficiente. Para tal, um verbo é fundamental: planejar.

Faz-se mister um planejamento individual por parte de cada professor, bem como entre docentes da mesma turma, com o objetivo de pensarem e organizarem suas disciplinas, trabalhando-as de forma integrada, detectando no que um componente pode contribuir para o outro. Enfim, é necessário um planejamento participativo entre toda a comunidade escolar.

Em se tratando de planejar o ensino de Língua Portuguesa, convém frisar a importância de dois outros verbos: *ensinar* e *aprender* além de *planejar*. Juntos. Estes três verbos somente poderão ser conjugados por professores e alunos. O modo dos verbos deverá ser sempre o *infinitivo*, lembrando as possibilidades e momentos inúmeros de conjugá-los. O tempo será sentido no *pretérito*, para consertar os equívocos deixados e marcados; no *presente*, com a finalidade de vivenciar a cada momento e conjugar que eu planejo, ensino e aprendo, para que, no tempo  *futuro*, professores e alunos possam ter a certeza de colher bons frutos. Se o drama dos alunos na língua materna era compreender a análise linguística por meio de alguns verbos, agora, poderá haver outro sabor.

### **Resumen**

*El papel de la escuela es de ofrecer condiciones al alumno de adquirir competencias para usar la Lengua Portuguesa en las más variadas situaciones comunicativas. Para facilitar ese trabajo, los profesores precisan planificar las clases con mucha dedicación. El objetivo general del artículo es analizar la planificación de las clases de Lengua Portuguesa, con un enfoque en el análisis lingüístico y en la producción de textos como alternativa de la enseñanza y el aprendizaje. En ese intuito, fueron entrevistados cinco profesores de Lengua Portuguesa de los años finales de la Enseñanza Fundamental, en dos escuelas de la red estadual, una ubicada en la ciudad de Xanxerê, SC, otra, en Xaxim, SC. Los resultados muestran que los profesores entrevistados relacionan planificación y actuación escolar, considerando esa actuación muy importante, ya que todos afirman planear sus clases. Además, la mayoría no solo domina los géneros del discurso, sino también trabaja en sus clases, a pesar de parte de ellos todavía utilizar el libro didáctico. La conclusión muestra que, para desarrollar las habilidades básicas, con un enfoque en el análisis lingüístico y en la producción de textos, es imprescindible una planificación por parte de los docentes. Palabras clave: Proceso de enseñanza y aprendizaje. Planificación. Análisis lingüístico. Producción textual.*

### **Notas Explicativas**

<sup>1</sup> O artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida nos componentes curriculares de Prática e Investigação Educativa em Letras I e II.

<sup>2</sup> Fornecida por Professor entrevistado 1.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Heloisa. **Gêneros textuais e progressão curricular no ensino fundamental**. São Paulo: A. B. Schier, 2003.
- ARAÚJO, Maria José de Azevedo. **Língua portuguesa: enigmas e descobertas do ensino-aprendizagem**. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/6/1/>>. Acesso em: 28 nov. 2010.
- AZEREDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENITES, Sonia Aparecida Lopes. **Escrever, uma necessidade e um prazer**. São Paulo: Unesp, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SIQUEIRA NETO, Armando Correa de. **Os avanços e desafios da relação ensino-aprendizagem**. 2010. Disponível em: <<http://www.profissaomestre.com.br/php/ver>>. Acesso em: 27 nov. 2010.
- STRIEDER, Roque. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa: metodologia do trabalho científico**. Joaçaba: Ed. Unoesc, 2009.

SANTA CATARINA (Estado). **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1994.

\_\_\_\_\_. **Planejamento projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. São Paulo: Cadernos Libertad, 2000.

